



DO VERSO PARTIDO, DA IMENSIDÃO DO ÍNFIMO

Poesia nada mais é do que um fenômeno de contenção. Há, na particularidade do fazer poético, a arte do condicionamento da palavra, do estreitamento melancólico da derrelição. Escreve-se, ajusta-se, lapi-

da-se, apaga-se, reescreve-se. Nesse ritual, doloroso e de ofício hercúleo, como já afirmou Olavo Bilac em seus versos de “A um poeta”, soma-se a primazia com a qual o poema engendra-se à vida, ao cotidiano,

sendo tragado pela já famosa pena, disseminado em sua própria imagem e matéria. Com essas afirmações, proponho-me, aqui, brevemente, a comentar a poesia do escritor Eduardo Mahon, mais especificamente, seus livros *Um certo cansaço do mundo* e *Quem quer ser assim sem querer?*, ambos publicados em 2017. Livros pequenos, honestos, mas que carregam em si a contenção aludida anteriormente.

Há, no jogo simbólico-representativo do eu-lírico mahoniano, uma espécie de imaterialidade do desejo, talvez uma ruptura com aquilo que é deixado por nós ao longo do caminho. A detalhística dos versos, em ambas as obras, sugerem a contrição do cotidiano, a percepção aguçada dos pequenos gestos, sentimentos, alusões. Em poemas como: *por aqui/só vi/sol* ou *é cedo/para tanto/medo*, o que ocorre é neutralização do colossal em detrimento da percepção dinâmica do ínfimo, do particular.

No abarcamento dos versos, revela-se o abismo do ser humano frente às particularidades daquilo que o cerca, esquecido, não observado. Precisamente nesse limiar é que reside a circunscrição do conjunto de poemas presente nessas obras, isto é, uma consagração paulatina do instante, que arrefece e escorre pelos olhos do leitor. Contenção. Retorno a esse termo. É na seara desse substantivo feminino que os poemas de Eduardo Mahon prendem o imaginário, indo, aos poucos, sem explodir, explorando as camadas de um cotidiano tão assolado pelo efêmero. Contenção. Versos que, na sua simplicidade, traduzem o isolado, aquilo deixado em segundo plano. No poema: *De repente,/esvaziei-me/como a margem/da praia/num hiato/entre as ondas*, pode-se notar a compleição da figura humana engendra-

da ao instante estilhaçado, ao momento fugidio do *esvaziamento* de si próprio, so-mando-se às águas.

Em texto assertivo, Barthes trabalha com a figura do *céu azul*, evidenciando a magnitude do instante, o prazer e a beleza da primeira instância. Em Mahon, essa delimitação barthesiana aprisiona o eu-lírico na fugacidade do cotidiano, na apreensão assimétrica das pequenas coisas. *O que os passantes não veem/é a montanha de esquecimento/que sustenta o asfalto novo;/ não pode medrar a grama fresca/sobre os entulhos de tanto passado*. Nesses versos, fica clara a opção desse eu-lírico por valorizar o que não é observado atentamente. *A montanha de esquecimento* é percebida como a visão opaca para a simplicidade, que transforma em passado o que é relegado ao esquecimento, ao limbo da memória. Lírica de marcação, suturação, comedimento.

Gosto, particularmente, da maneira como esses pequenos livros vão contornando o óbvio, desfazendo convenções, apresentando seus engenhos lírico-discursivos. Aprecio, de igual forma, a delicadeza com a qual esses versos são escritos, tornando a leitura um momento de apreciação, descoberta. Obras menores, não no estilo e na qualidade, mas na forma gráfica, que conseguem, vertiginosamente, abraçar o leitor, fazendo-o, provavelmente, refletir sobre a imensidão do ínfimo, da qualidade dos instantes perdidos. Retomo, nesses momentos finais, o que afirmei no início desse texto: Poesia nada mais é do que um fenômeno de contenção.

Prende, arrebatada e se eterniza.



Samuel Lima da Silva

Doutor em Estudos Literários e pós-doutor (PNPD/CAPES) em Estudos Literários pelo PPGEL – UNEMAT. Pesquisador do grupo – Estudos de literatura: memória e identidade cultural (CNPq) e membro do Núcleo de pesquisa, Wladimir Dias-Pino (UNEMAT).

samuel.lima@unemat.br